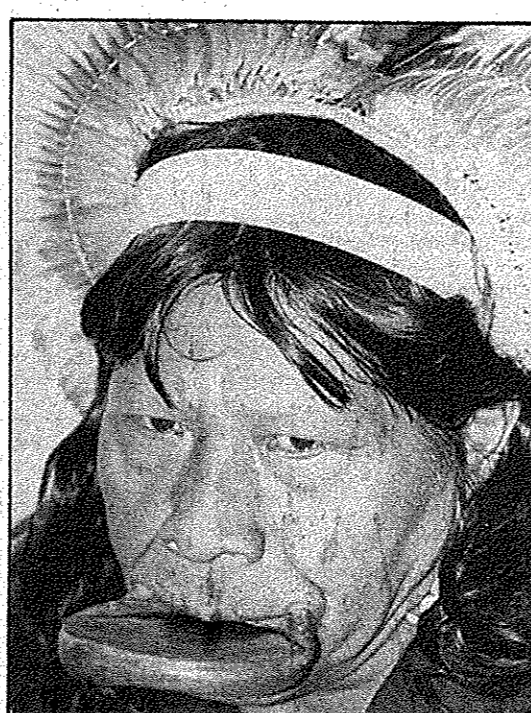
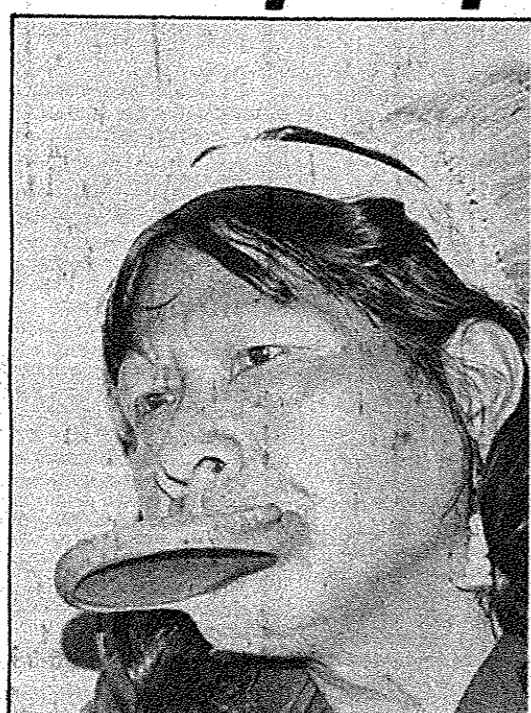
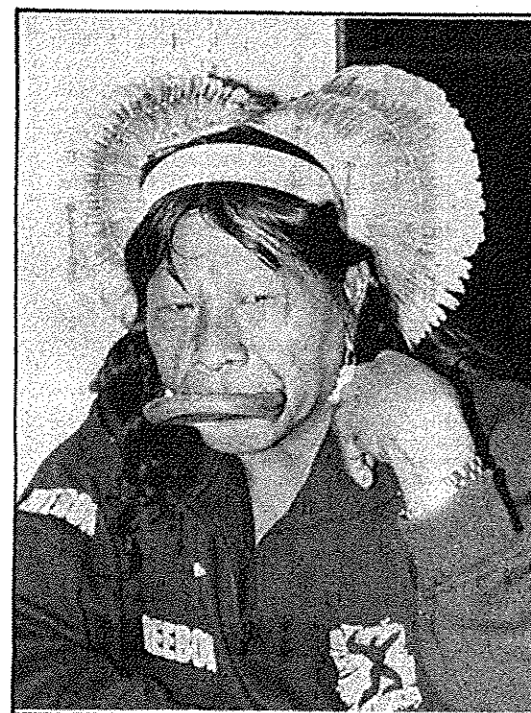


190

INDIOS

Raoni, a luta contra a invasão das propriedades



A aparência de Raoni é pouco comum. O lábio inferior, de tamanho avantajado, lembra velhos costumes indígenas, onde o macho se enfeita mais. Os cabelos longos, negros, e o cocar de penas coloridas atraem ainda mais a atenção das pessoas. Há curiosidade para ouvir-lhe a voz que sai sonora, num misto de português com tupi-guarani. A luta pelos costumes e pela tradição indígena ele não esconde, quando se refere ao resto da população do Brasil como "os brancos".

O cacique Raoni tem 50 anos, é da tribo Txarramãe, habitante do Xingu, e esteve ontem em Belo Horizonte, na abertura do II Encontro Latino-americano Relação Ser Humano Ambiente, promovido pela Ama, do qual é presidente de honra. Na ocasião, criticou a tentativa de políticos brasileiros "com poder" de quererem tirar-lhes as terras. Em sua palestra, defendeu o direito natural dos indígenas e ainda a igualdade dos direitos humanos, a ecologia e até a economia.

"Muitas vezes, os brancos ignoram a gente, começa ele, quando é perguntado sobre o que significa estar sendo homenageado por um encontro dessa natureza. Meu pai me contava histórias que não esqueço, nunca esquecer. Histórias que sua vó também contava, sobre a invasão dos brancos em nossas terras. Primeiro, vieram os portugueses e lentamente todos os brancos acharam-se no direito de nos tomar o que era nosso a vida toda. Acharam-se com o direito e tomaram, tanto que no Xingu hoje, um dos locais mais privilegiados do País com reservas indígenas somos apenas 3.000 índios. Eramos muitos mais".

Depois de se referir à história, de citar casos de invasão com mortes e violência, Raoni diz que quer lutar, ou con-

tinuar lutando para que o resto de suas terras não sejam invadidas pelo branco. "Estou querendo segurar a nossa terra, estou preocupado com o meu povo. Temo que ele não tenha onde morar num futuro próximo, caso os políticos brasileiros não se preocupem com uma forma para nos salvar. Hoje, já não tem mais histórias como a que minha vó contava, pois ela nasceu na beira do rio Xingu, com fartura de terra, mas nós e nossos filhos já não temos mais história para contar, a não ser de lutas sangrentas e mortes, pois já teremos perdido tudo".

"Eles queriam drenar o rio Xingu", continua ele, quase que sem poder respirar direito. "Queriam construir barragens. Mas briguei e disse que existem outros rios no interior do País, que não precisavam mexer no Xingu, que passariam sem essa 'coisa' moderna. Há dezenas de outros rios! disse eu às autoridades. Não queremos ser enrolados outra vez como fomos enrolados pelos portugueses, pois nosso povo não os entendia e acabavam sendo enrolados. Os portugueses brigaram com os nossos avós e os obrigou a dar a terra para eles. Foi aí que conhecemos as armas de fogo, quando eles começaram a nos matar".

Raoni informa que com a invasão "do branco" os índios tiveram que se mudar, formando aldeias aqui e ali, "fugindo dos homens maus, dos garimpeiros, dos madeireiros. E já falei com o Sarney e ele prometeu-me que não mexeria em nossa terra. Mas tem muita gente em cima, fazendo pressão no presidente. Estamos lutando por uma demarcação justa para que ninguém tenha problema".

A cultura

Outra crítica veemente de Raoni é quanto a possível ci-

vilização que "os brancos" estão querendo levar aos índios. "Meu povo está aprendendo português, a ter roupa, a ter outros costumes. Tenho medo que aprendendo os hábitos "dos brancos" eles esqueçam nossas tradições. Temo que abandonem nossa língua e tudo de bom que temos".

Criticando a economia e a burocracia, Raoni acrescenta: "O branco" tem papel demais, não queremos que essa cultura chegue até nós. E com dinheiro então branco faz a maior confusão: para nós, dinheiro não vale nada, mas branco não, tem que ter dinheiro para tudo, tudo ele tem que pagar. Tem que pagar para ter roupa, pagar para ir ao banheiro, para tudo. Na aldeia, nada disso acontece", termina ele com olhar sonhador.

Junto com Raoni, o índio Megaron, mais lúcido e mais participativo, pede desculpas por alguma informação errada que possivelmente o cacique nos tenha prestado e informa a real situação do Xingu. "No Xingu não temos problemas com demarcação de terras, temos nossa área delimitada". Megaron não sabe informar a extensão da terra, mas cita que equivale, em tamanho, ao Estado do Sergipe.

Nosso maior problema ainda são doenças como gripes, pneumonia e desidratação. Muitas de nossas crianças ainda morrem de desidratação, pois apesar da assistência da Funai, que é boa, os medicamentos atrasam muito. Apesar dessa boa assistência, faltam médicos e enfermeiros. Mas se não fosse a Funai ainda morriam muito mais índios.

Megaron informa que os txarramães são cerca de três mil, divididos em 18 grupos ou tribos e em 33 aldeias. "Há dez dias, começamos nosso censo, quando saberemos ao certo quantos índios somos, a idade e a situação de cada um deles. Até o final do ano, esse dado estará completo".

Relação homem-meio ambiente

Tendo como presidente de honra o cacique Raoni Txucarramãe, foi aberto ontem, em Belo Horizonte, no auditório do Instituto de Educação, o II Encontro Latino-Americano Relação Ser Humano-Ambiente. Durante o Encontro, que se estenderá até o próximo dia cinco, na Faculdade de Engenharia da Fumec, serão ministrados cinco minicursos, seis seminários e 14 conferências, além de cinco visitas-técnicas.

A presidente da Associação Mineira de Defesa do Ambiente, Maria Dalce Ricas, uma das entidades promotoras do evento, disse que pretende fazer deste encontro um protesto político ao descaso com que é tratada a questão ambiental no Brasil, por parte do poder público. Segundo ela, um dos temas mais importantes a ser debatido deverá ser a Amazônia, "um problema que transcende fronteiras para se transformar numa questão para todo o mundo".

Maria Dalce explica que, ao longo do processo de desenvolvimento econômico, o Brasil nunca se preocupou com a racionalização no uso de seus recursos naturais, o que gerou seqüelas como a problemática nordestina, a destruição da Mata Atlântica, a poluição da bacia hidrográfica do País e a extinção de dezenas de espécies

animais e vegetais. "A Floresta Amazônica precisa ser preservada, sua destruição representaria uma perda incalculável para toda a humanidade", conclui.

A presidente da Amda pretende denunciar também a poluição na bacia hidrográfica de Minas Gerais, que atinge todos os grandes rios, entre eles, o São Francisco, Paraíba, Jequitinhonha, Paraopeba, Rio Doce e Rio das Velhas. A outra questão diz respeito à mineração.

Pela nova Constituição, as empresas mineradoras são obrigadas a repor a área minerada, mas, segundo Maria Dalce, esta lei só será colocada em prática, se o povo se mantiver alerta e cobrar seu cumprimento.

Programa

O II Encontro Latino-Americano Relação Ser Humano-Ambiente, que aconteceu pela primeira vez no ano passado, na cidade de São Miguel Tucumán, na Argentina, tem como destaque em seu programa de hoje a conferência sobre Educação Ambiental, ministrada pelo professor Angelo Machado, da Universidade Federal de Minas Gerais, a partir das 14 horas. As outras conferên-

cias do dia serão sobre "A exportação de armas pelo Brasil: o mercado de segurança", às 10 horas, tendo como conferencista o secretário-geral do International Peace Research Association — IPRA, Clóvis Brígadeo. Também às 10 horas, o engenheiro de Minas, José Cruz do Carmo Flores falará sobre "Recuperação de áreas mineradas".

As 16 horas, o tema será "Constituinte e meio ambiente", apresentado pelo deputado federal constituinte, Fábio Feldman.

Hoje, também, serão realizados dois seminários. O primeiro, das oito às 12 horas, será sobre "Movimento Ambientalista e Partido Verde", com a participação de Carlos Ming, deputado estadual do Rio de Janeiro, e José Celso Aquino Marques, presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural — Agapan. O outro, "Produção de Energia e Economicidade", das 14 às 18 horas, terá a participação de Antônio Carlos Boa Nova, da Companhia Energética de São Paulo — Cesp, e Paulo Nascimento Teixeira, chefe da Divisão de Estudos e Planejamento — Departamento do Meio Ambiente da Eletrobrás.